

## RELATOS DE UMA EDUCADORA QUE SEGUE APRENDENDO E ENSINANDO

Mariana Moreira dos Santos<sup>1</sup>

Querido Paulo Freire, escrevo essa carta em resposta à carta escrita por você intitulada: “Das qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas”, retirada do livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”<sup>2</sup>. Pretendo, nesta carta, compartilhar com você a minha trajetória e dizer como os seus ensinamentos têm sido importantes para o meu trabalho como educadora. Me identifiquei com essa carta porque nela você apresenta características que são fundamentais para a prática docente de um educador progressista, sendo que, as virtudes destacadas são adquiridas a partir da prática em consonância com a opção política do educador.

Gostaria de iniciar contando dos caminhos e das inspirações que me levaram à docência. Ser professora nunca foi meu sonho de criança. Em minhas brincadeiras na infância eu imaginava que seria médica, jornalista, policial, mas nunca havia passado pela minha cabeça ser professora. Comecei a estudar muito nova. Sempre nutri um sentimento de carinho e respeito pelas educadoras que passaram pela minha vida. Além disso, eu sempre gostei do ambiente escolar, e costumava participar de atividades extra turno que as escolas onde estudei ofereciam. Contudo, mesmo com o ótimo convívio e com as boas experiências vividas durante a infância, eu não pensava em ser professora.

Falando de lembranças, gostaria de dividir com você recordações do meu processo de alfabetização, pois me recordo até hoje com carinho desses momentos. Lembro-me com afeto da professora que me ensinou a ler e as recordações que eu tenho sempre me enchem de alegria. Comecei a ler as primeiras palavras e a escrever pequenas frases no primeiro ano do Ensino Fundamental. O sentimento de descoberta e conquista – a cada nova palavra lida – tomavam conta de mim. Na escola, toda segunda-feira, tínhamos um momento de leitura. No cantinho da sala ficava uma mesa cheia de livros e gibis que podíamos escolher. Eu sempre gostei de ler os gibis, viajava pelas histórias da turma da Mônica e o meu personagem preferido era o Chico Bento, pois adorava o jeito simples e teimoso do personagem que vivia no campo. Apesar disso, essas leituras não eram suficientes, eu sempre queria mais.

Foi então que minha professora sugeriu que eu pegasse livros emprestados na biblioteca municipal, que ficava na rua da escola. Toda sexta-feira, no final da aula, eu ia ansiosa escolher um novo livro, que eu levava para casa e lia durante o final de semana. Cultivei o hábito de pegar livros emprestados na biblioteca por dois anos, até que eu troquei de escola. No entanto, a leitura ainda estava muito presente no meu cotidiano, porque meus pais sempre cultivaram o hábito de leitura em casa. Costumávamos, aos domingos, após a missa, ir à banca de jornal. Enquanto meu pai comprava o jornal eu ficava folheando as revistas, gibis e álbuns de figurinhas que vendiam na banca.

---

<sup>1</sup> Pedagoga pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa (PPGE - UFV).

<sup>2</sup> FREIRE, Paulo. Das qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas. In: FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo - SP: Olho d'água, 1997. p. 37 - 43.

O gosto pela leitura permaneceu durante muitos anos, mas, na medida que fui crescendo, começou a despertar aos poucos em mim, o interesse pelo ensino. Eu era uma jovem muito participativa na escola. Participava de grupo de jovens, de teatro, e fui líder de turma por diversas vezes e sempre estive presente e ajudando nos eventos da escola.

A escola na qual eu estudei durante a minha adolescência era uma instituição de ensino Católica e foi no grupo de jovens que comecei a perceber o meu interesse em ensinar. Nesse grupo, eu e meus colegas éramos assessores das crianças que faziam parte da Infância Missionária, que é uma obra da Igreja Católica que tem como objetivo ensinar às crianças e aos adolescentes sobre a dimensão missionária. Foi assessorando essas crianças que o entusiasmo ao ensinar se manifestou com mais força, porque eu me sentia feliz em poder compartilhar com elas os conhecimentos que havia aprendido na Igreja e, aos poucos, todos ao meu redor começaram a elogiar a forma como eu lidava com as crianças. A partir desse contato, fui desenvolvendo habilidades e, mesmo que não estivesse claro para mim, iniciou o meu desejo pela docência.

Na medida que os anos foram passando eu fiquei cada vez mais interessada pela docência, pois tive excelentes exemplos de educadoras que me inspiraram. Gostaria de trazer, nesta carta, duas pedagogas que me influenciaram positivamente durante a minha trajetória no Ensino Médio e que foram fundamentais para eu decidir cursar Pedagogia. Uma delas era coordenadora pedagógica e a outra era orientadora educacional, ambas trabalhavam na escola onde eu estudava. O que mais me chamava a atenção, era a forma como elas tratavam os estudantes, pois percebia que elas utilizavam a comunicação não violenta para lidar com os educandos e com os diversos conflitos que haviam no cotidiano escolar.

Mesmo tendo boas lembranças das outras escolas e profissionais da educação que passaram pela minha formação escolar, eu nunca havia presenciado tal conduta. A comunicação era peça fundamental no trabalho das duas. Elas estavam sempre abertas ao diálogo. Em suas aulas, havia espaço para os estudantes expressarem suas queixas, angústias e dúvidas e elas estavam prontas para ouvir atentamente. Como você mesmo nos ensina, o diálogo é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, é por meio do diálogo que os educandos expressam seus conhecimentos, suas dúvidas e inquietações e o educador, através do diálogo, reconhece e respeita o educando, como sujeito importante e ativo no processo de ensino. Ou seja, sem diálogo não há ensino, pois, para que o ensino verdadeiro ocorra, é necessário reconhecer que educadores e educandos atuam igualmente nesse processo.

Inspirada pelo trabalho dessas duas profissionais, aliado ao desejo de ensinar, que eu decidi cursar pedagogia. Entretanto, enfrentei barreiras na minha família porque meus pais não eram favoráveis à minha escolha. Minha mãe queria que eu cursasse Direito e o meu pai não tinha nenhum curso em mente, mas acreditava que eu deveria fazer algo que me trouxesse um retorno financeiro melhor. Ambos me alertavam sobre a falta de valorização financeira e profissional que o professor tem. Nesse período, eu cheguei a realizar o vestibular para o curso de Psicologia e passei, mas mesmo assim, não me sentia feliz com a ideia de cursar algo que não me traria felicidade e realização profissional.

Apesar das objeções familiares, eu tive ajuda externa que me permitiu ter clareza de qual curso fazer. Isso ocorreu no 3º ano do Ensino Médio, quando a escola ofereceu aos estudantes encontros com um psicólogo que trabalhava com orientação profissional, ajudando jovens a decidirem qual caminho seguir nesse âmbito. A partir das dinâmicas, testes, visitas em escolas, conversas com diversos profissionais, pude decidir o curso que iria

fazer. Mesmo com a resistência que os meus pais tiveram no início, eu me posicionei firmemente sobre a minha escolha de curso. Durante a graduação e até hoje, eles me apoiam e se sentem orgulhosos da professora que me tornei.

Foi na graduação que tive o meu primeiro contato com a docência de verdade. Durante todos os anos de curso eu estudei e trabalhei na escola onde eu me formei. Primeiro trabalhei como estagiária e, depois, como monitora. Nesse período, tive que tomar a difícil decisão de escolher entre o trabalho ou aproveitar as oportunidades que a universidade oferecia para os estudantes, como iniciação científica, participação de projetos de extensão, de grupos de pesquisa, entre outras inúmeras possibilidades.

Caro Freire, aprendi com você que decisão é uma das virtudes que o professor progressista deve ter, no entanto não é uma tarefa fácil. Quando decidimos algo, estamos optando por alguma coisa e abrindo mão de outra, para decidir é necessário avaliar as opções de forma cautelosa, e só assim, seguras da escolha, podemos decidir. E como educadora, segura das minhas escolhas, saber ensinar essa difícil habilidade de decidir aos educandos.

Dessa forma, segura da minha decisão, eu me dediquei ao trabalho na escola. Fiz dois anos consecutivos de estágio em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental. Com as professoras das classes, aprendi na prática sobre o processo de alfabetização e pude acompanhar de perto o desenvolvimento das crianças e, a cada descoberta que eles faziam, eu relembra do meu processo de alfabetização. Foi incrível poder presenciar as crianças aprendendo a ler e escrever as primeiras palavras. Após esse período como estagiária, eu trabalhei como monitora. Fazia de tudo um pouco na escola, e lá adquiri experiências importantes para minha formação.

Mas, querido Freire, foi somente no curso de Pedagogia que tive o meu primeiro contato com suas obras. Lembro-me que no primeiro semestre de curso, na disciplina de Filosofia da Educação, o professor era um entusiasta do seu trabalho, ele levava os seus livros e expunha-os na frente do quadro e falava sobre cada um e sobre você.

Outro momento em que tive a oportunidade de aprofundar sobre os seus ensinamentos foi na disciplina de Alfabetização de Jovens e Adultos (EJA), em que a professora trazia suas contribuições para a alfabetização de jovens e adultos. Nas aulas, pude aprender sobre as palavras geradoras, que serviam de base para a elaboração de materiais, as situações-problema e os círculos de cultura, espaço em que aconteciam os debates e que eram importantes para o início da alfabetização. No meu trabalho de conclusão de curso, eu realizei uma análise documental para investigar como as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) estão inseridas na Base Nacional Comum Curricular, com foco na área de Ciências da Natureza. Nesta escrita, eu não deixei de mencioná-lo, mobilizando seu posicionamento crítico frente às TDIC, em especial, quando você alerta para a necessidade de pensar a tecnologia para além do tecnicismo e sugere uma formação que não esteja limitada ao treinamento para o uso de ferramentas.

Em 2020, que seria o meu último ano de graduação, o mundo ficou devastado devido a pandemia da Covid-19, causada pelo coronavírus que circulou pelo mundo e matou milhares de pessoas. Esse vírus trouxe mudanças sociais, econômicas, políticas e educacionais, devido às medidas de segurança impostas pelas organizações de saúde, como o distanciamento social e o uso de máscaras, ações necessárias para diminuir a circulação do vírus. Diante disso, as instituições de ensino, os educadores e educandos tiveram que se adequar às medidas impostas. Desse modo, o ensino que até então era presencial, se tornou

remoto, a interação entre os sujeitos se tornou a distância, levando à preocupação, por parte dos professores, de como ensinar os estudantes, remotamente e de forma qualitativa.

As mudanças educacionais foram difíceis, tanto no que se refere ao acesso à tecnologia, quanto na adaptação dos educandos e educadores. Na pandemia, as desigualdades ficaram evidentes, sobretudo a exclusão digital, que é consequência da exclusão social. Muitos estudantes de classe populares, que não possuíam elementos básicos de sobrevivência, tiveram maiores dificuldades para acessar tecnologias adequadas para prosseguir com os estudos. Eles não tinham, muitas vezes, um lugar adequado para estudar e muitos abandonaram a escola, devido a essas dificuldades.

Além do isolamento e das inúmeras perdas que a pandemia causou, ela me trouxe, naquele momento, incertezas sobre o futuro, pois não era possível prever quando iria me formar e começar a trabalhar. Embora a pandemia tenha atrasado a minha formatura, o período de isolamento em casa me permitiu participar de eventos da universidade e fora dela. Realizei cursos de extensão e comecei a participar de um grupo de pesquisa chamado TECIDO - Tecnologias, Ciências e Didiscências<sup>3</sup>. Também, nesse período, ainda passei no processo seletivo para estagiar no Instituto Federal de Minas Gerais -Campus Avançado Ponte-Nova. Assim, auxiliiei pedagogicamente um estudante deficiente visual do 3º ano do Ensino Médio Técnico integrado em Administração. Essas experiências foram enriquecedoras para a minha formação, pois tive a oportunidade de conhecer pessoas novas, trabalhar com excelentes professores, aprender e compartilhar conhecimentos.

No final de 2021, eu me formei e, junto com a formatura, veio a minha aprovação no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da UFV. Confesso que mesmo com a alegria dessas conquistas, havia um sentimento de apreensão acerca dos desafios e responsabilidades que eu iria encontrar como professora e mestranda. Estava deixando de ser uma estagiária do curso de Pedagogia e me tornando professora da Educação Infantil de uma escola pública da minha cidade.

No mestrado, meu projeto de pesquisa foi pensado no contexto da pandemia, em que diversas manifestações negacionistas científicas e *fake news* se potencializam. Houve discursos através das mídias e redes sociais, por parte de grupos identitários que contestavam a gravidade da doença, além das medidas de prevenção e da eficiência das vacinas. Pensando em superar os desafios desse contexto na educação, eu destaco o letramento midiático como uma possibilidade de trabalhar com os estudantes a leitura e o posicionamento crítico frente às informações e conteúdos que eles têm acesso. Para isso, eu pretendo investigar como o letramento midiático vem sendo proposto nos planos de aula da plataforma Nova Escola para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Com esse propósito, irei identificar as habilidades que os estudantes necessitam para o desenvolvimento do letramento midiático.

Além disso, utilizarei na minha pesquisa seu posicionamento acerca da mídia e da educação, que está posto no livro “Educar com a mídia: novos diálogos sobre a educação<sup>4</sup>”. Nesse livro, você traz elementos sobre o ensino, a relevância e as possibilidades que os meios

---

<sup>3</sup> O grupo de pesquisa Tecnologias, Ciências e Didiscências (TECIDO) é um grupo de estudos liderado pela professora Dr<sup>a</sup>. Bethania Medeiros Geremias, docente da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Neste grupo são desenvolvidos estudos no âmbito da educação e educação CTS. Participam do grupo estudantes da graduação em pedagogia, educação do campo e ciências biológicas, além de estudantes da pós-graduação em educação.

<sup>4</sup> FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Educar com a Mídia: Novos Diálogos Sobre Educação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

de comunicação proporcionam para os educandos e educadores. É através da forma como as escolas entendem e utilizam as mídias que é possível determinar aspectos de limitação ou de ampliação acerca delas. Diante dos desafios que são postos pelas mídias, espera-se que os estudantes desenvolvam um olhar crítico a respeito dos conteúdos que elas apresentam. No mestrado, eu estou tendo a oportunidade de conhecer melhor e me aprofundar em algumas de suas obras e ensinamentos, graças a disciplina Educação e Razões Oprimidas<sup>5</sup> que cursei. E foi através dela que surgiu a proposta de resposta desta carta.

Estimado mestre, irei te contar como tem sido a minha experiência como professora e como tenho tentado colocar em prática suas contribuições. Eu iniciei em 2022 assumindo uma turma com crianças de três anos, em uma escola de Educação Infantil. Sou a professora mais nova em idade e recém-chegada na instituição. Tudo foi novo para mim, porque até então eu não tinha muita experiência nesse segmento da educação, a única vivência com a Educação Infantil que eu tive foi durante o estágio obrigatório na graduação. Meus primeiros dias foram permeados por medos e inseguranças, porque sentia receio de não conseguir exercer o meu trabalho e lidar com as dificuldades que encontraria. Compreendo que o medo faz parte, principalmente, no primeiro contato com as crianças. Na carta, você orienta que “antes de tudo, reconhecemos que sentir medo é manifestação de que estamos vivos. Não tenho que esconder meus temores. Mas, o que não posso permitir é que meu medo me imobilize.” (FREIRE, 1997, p. 39).

Conforme você aconselha na carta, deve-se assumir o medo, tendo a capacidade de investigar qual é a sua origem, só assim é possível vencer esse sentimento, “por isso é que não posso, de um lado, negar meu medo; de outro, abandonar-me a ele. Mas preciso controlá-la e é no exercício desse controle que minha coragem necessária vai sendo partejada.” (FREIRE, 1997, p.39). Demonstrar o sentimento de medo não é uma demonstração de fraqueza, pelo contrário, é assumir que, como humano, eu possuo limitações.

Foi assumindo esse sentimento, ao invés de adotar uma postura autoritária para escondê-lo, que eu consegui superá-lo. Com humildade compartilhei o meu sentimento e obtive ajuda das professoras e auxiliares mais experientes. Humildade é uma das características fundamentais para uma professora progressista. Como você mesmo escreve, tal atitude requer coragem e respeito, a nós e aos outros. Somente com a humildade é possível admitir que ninguém sabe tudo e que todos sabem algo. Dessa forma, tendo uma atitude humilde, temos a capacidade de ouvir o que os outros têm para ensinar. Foi assumindo uma postura humilde que eu aprendi e continuo aprendendo, com as profissionais mais experientes, sobre a rotina da escola e das crianças e como lidar com situações adversas. Contudo, essa postura de humildade também é imprescindível na relação educador/educando, ainda mais quando concebemos que o ensino só acontece quando há troca de conhecimentos e experiências entre esses sujeitos, indo além da mera transmissão de conhecimento por parte do educador.

Além da humildade, outra virtude necessária é a amorosidade, pelos educandos e pelo ensino. Como você mesmo sugere, é fundamental ter um “amor armado”, pois diante das

---

<sup>5</sup> A disciplina optativa EDU 699 - Educação e as razões oprimidas, foi ministrada pela professora Dr<sup>a</sup> Bethânia Medeiros Geremias no segundo semestre de 2022 na Pós-Graduação em Educação da UFV. Nessa disciplina foram trabalhadas as obras e os pensamentos de Paulo Freire, perspectivas decoloniais e práticas educativas. Além disso, como atividade prática, os estudantes tiveram que produzir uma carta em resposta a uma das cartas de Freire ou dos ensinamentos de bell hooks.

diversas injustiças que nós professores enfrentamos em nossa trajetória, não deixamos de protestar a favor de melhorias, e, mesmo assim, nos dedicamos ao trabalho com os educandos. É necessário que esse “amor armado” seja “um amor brigão de quem se afirma no direito ou no dever de ter o direito de lutar, de denunciar, de anunciar. É essa a forma de amar indispensável ao educador progressista e que precisa de ser aprendida e vivida por nós.” (FREIRE, 1997, p. 38).

Porém, para colocar a amorosidade em prática, é necessária outra característica, a coragem. É imprescindível ter “a coragem de lutar ao lado da coragem de amar” (FREIRE, 1997, p. 38). Para ter coragem, primeiro é preciso superar o medo, e como já mencionei, o medo é um sentimento que faz parte da vida. No entanto, é necessário entender as causas de tal sentimento. Dessa forma, superando o sentimento de medo, é possível ter coragem para lutar por uma educação melhor e amar os educandos.

Acredito que além dessas virtudes já citadas, assim como você sugere, é necessário fazer uma leitura da turma, para compreender o contexto que os educandos estão inseridos. No meu caso, é algo mais complexo, devido à idade dos meus alunos e da dificuldade que alguns têm de se expressar através da fala, mas é possível observar as reações agressivas, tímidas, as inquietações e a forma como eles se comunicam e brincam. É importante fazer uma observação crítica, para que, na medida que elas vão sendo feitas, consiga-se compreender a turma.

Retomando as características que você atribui ao educador progressista, uma qualidade necessária é a tolerância, sem ela não é possível o trabalho pedagógico e uma prática progressista. A tolerância é saber conviver, aprender e respeitar o que é diferente, e isso só ocorre quando há uma democracia, porque para tolerar é preciso estabelecer limites. Penso que essa virtude é necessária levando em conta que a escola é um espaço plural, e que para conviver com pessoas com diferentes perspectivas é necessária uma atitude tolerante.

Outra qualidade que deve ser cultivada é a segurança, e para alcançar essa virtude é fundamental possuir “competência científica, clareza política e integridade ética” (FREIRE, 1997, p. 40). Entendo isso como educadora, que preciso ter segurança no que eu faço e minha prática precisa estar fundamentada cientificamente, pois tendo consciência do que estou fazendo, para que e porque faço, estarei segura das minhas ações.

Você escreve também na sua carta, dirigida às professoras que ousam ensinar, que é necessário à educadora progressista a tensão entre paciência e impaciência. Contudo, acredito que seja umas das qualidades mais difíceis de serem adquiridas, pois requer sabedoria e experiência. Uma postura somente paciente pode levar a imobilização e a acomodação da prática. Já a impaciência sozinha pode conduzir as práticas a um ativismo cego, podendo causar prejuízos nas ações, tornando-se, assim, uma atitude irresponsável. Você sugere que haja uma tensão entre elas, pois sozinhas não são qualidades. Dessa forma, deve-se buscar viver a impaciente paciência que, dificilmente, fará exceder os limites do discurso e da prática. Percebo que tenho dificuldade para viver essa tensão, acredito que a minha postura tende a ser muito mais paciente. Mas, acredito que na medida em que irei adquirindo mais experiências, conseguirei lidar melhor com essa tensão.

A qualidade mais importante e que deve ser cultivada é a alegria de viver, que consiste em entregar-se inteiramente à vida, sem negar as tristezas da mesma, pois, só assim, é possível lutar pela alegria no ambiente escolar.

É vivendo, não importa se com deslizes, com incoerências, mas disposto a superá-los, a humildade, a amorosidade, a coragem, a tolerância, a competência, a capacidade de decidir, a segurança, a eticidade, a justiça, a tensão entre paciência e impaciência, a parcimônia verbal, que contribuiu para criar, para forjar a escola feliz, a escola alegre (FREIRE, 1997, p. 42).

Mesmo com erros e com momentos de incoerências, levando em conta todas as qualidades acima citadas, é possível contribuir para a construção de uma escola feliz, que pensa, que ama, que não teme os riscos, que recusa o imobilismo e que não se cala, uma “escola que apaixonadamente diz sim à vida. E não a escola que emudece e me emudece.” (FREIRE, 1997, p. 42).

É com essa alegria de viver que é possível enfrentar os obstáculos e acomodações fatalistas, que vez ou outra se instauram no fazer pedagógico. Para isso, Freire (1997, p. 42) assegura que deve haver “unidade na diversidade de interesses não antagônicos dos educadores e das educadoras na defesa de seus direitos”. Dessa forma, a alegria de viver não exime a luta, que consiste na defesa dos direitos a:

[...] sua liberdade docente, direito à sua fala, direito a melhores condições de trabalho pedagógico, direito a tempo livre e remunerado para dedicar à sua formação permanente, direito ele ser coerente, direito de criticar as autoridades sem medo de punição a que corresponde o dever de responsabilizar-se pela veracidade de sua crítica, direito de ter o dever de ser sérios, coerentes, de não mentir para sobreviver (FREIRE, 1997, p. 42).

Caro Freire, como eu disse, sou uma professora recém formada e com pouca experiência na docência. Algumas dessas características citadas eu desenvolvi na minha breve experiência como educadora. Outras virtudes, percebo que ainda não adquiri. Mas reconheço a minha incompletude como ser humano e muito consciente da minha escolha, assumo que mesmo não tendo adquirido todas essas qualidades, estou disposta a aprendê-las no decorrer da minha vida, na medida em que irei adquirindo novas experiências docentes. Pois como você mesmo frisou, essas virtudes são imprescindíveis para uma educadora progressista.

Um abraço fraterno!